



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14233 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

FICÇÃO OU REALIDADE?: O CURRÍCULO COMO ESPAÇO-TEMPO DISCURSIVO E A SÉRIE LOKI

Isabella Nara Costa Alves - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Agência e/ou Instituição Financiadora: FACEPE

FICÇÃO OU REALIDADE?: O CURRÍCULO COMO ESPAÇO-TEMPO DISCURSIVO E A SÉRIE *LOKI*

Resumo: O escopo deste trabalho tem como principal proposta apontar aproximações entre o conceito de currículo como espaço-tempo de fronteira cultural (MACEDO, 2006), com o seriado *Loki* (2021), da Marvel Comics, que explora o personagem mitológico de mesmo nome. Através de uma concepção curricular não-essencialista, a autora analisa os mecanismos de controle e resistência, que captam a diferença em espaços-tempo de conflitos e negociações, sendo possível explorar similaridades com a história da captura do deus da trapaça, entre-lugar produzido de forma performativa. Além de identificar características desta proposição de currículo, analisa aspectos da série televisiva que interpelam com as narrativas ambivalentes presentes no currículo, a partir do aparato teórico-metodológico da Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe (2015). De forma (in)conclusiva, este trabalho sugere pensar uma proposta curricular como espaço-tempo de espontaneidade, experimentando as zonas de ambivalência e explorando o multiverso de *Loki* como metáfora do atravessamento de fronteiras ficcionais, questionando a “realidade” da escola e fora dela.

Palavras-chave: Currículo, ficção, teoria do discurso.

Apresentando: o currículo como variância espaço-temporal

A arquitetura deste trabalho está enraizada no temporal. Todo problema humano deve ser considerado claro do ponto de vista do tempo (Frantz Fanon - Pele Negra, Máscaras Brancas)

Reflexionar sobre as práticas curriculares trata-se de uma parte essencial para a elaboração, promoção e extensão das políticas educacionais existentes. A partir dos movimentos sociais e demais grupos que lutam por justiça social, percebe-se uma importante virada no entendimento de currículo como texto em permanente reelaboração, tal como a concepção deste como espaço-tempo de fronteira cultural, de Elizabeth Macedo (2006). Se assemelhando com o vocabulário de ficção científica, tal conceito abre expectativas para aproximar suas características de representações e narrativas fantásticas, entre elas da cultura nerd, como a série de TV *Loki* (2021), da plataforma Disney+, sendo este o objetivo predominante deste trabalho.

Por conseguinte, esta proposta desmembra-se em mais duas finalidades: a) identificar conceitualmente o currículo de Elizabeth Macedo e b) Analisar aspectos da série *Loki* que interpelam negociações com a diferença cultural. Como abordagem teórico-metodológica, a Teoria Discursiva (TD) de Laclau e Mouffe (2015) tem finalidade de examinar a articulação entre diferentes fontes discursivas, estabelecendo aspectos relacionais entre a ficção e a realidade, sendo esta última sempre constituída discursivamente, recheada de significados. Nesse sentido, o movimento que a TD proporciona à pesquisa envolve “escavar” como os significados se constituem e se deslocam e os elementos simbólicos articulados. Os próximos tópicos dão conta de estabelecer essas relações.

Análise e resultados: teoria da variante curricular

Loki, originalmente, faz parte da mitologia nórdica, como deus da trapaça e da travessura, mas na série de TV, o personagem é explorado como vilão ou anti-herói no Universo Cinematográfico da Marvel (MCU). *Loki* (Tom Hiddleston) foi explorado em

outros filmes da franquia, mas ganha seu próprio seriado, sendo reintroduzido pouco depois do filme dos Vingadores: Ultimato (2019), oportunidade em que ele falhou em conquistar o planeta. Ele imediatamente é capturado pela Autoridade de Variações Temporais [TVA], uma instituição que existe fora do tempo e preserva a chamada Linha do tempo sagrada (considerada única linha temporal linear e universal, guardada pelos Guardiões do Tempo e seus funcionários), Loki é levado sob custódia para ser processado, momento em que descobre que a TVA localiza os “desvios” no tempo (chamados de eventos “Nexus”), sendo o próprio Loki uma dessas pessoas desviantes, chamados na série de “variantes”. Macedo (2006) identifica o currículo como prática que envolve relações de poder (como da TVA), produzindo identidades variantes.

O que a TVA considera indigno de existência é exterminado por sua polícia do tempo (*Minute Men*), evocando uma mentalidade fascista, que não permite personagens “desviantes” ou “dissidentes”, que podemos encarar como produções de subjetividades que se constituem de forma híbrida e disruptiva. Contudo, existe um trabalhador na TVA, o agente Mobius (Owen Wilson), cujas ideias diferem da norma, que decide ajudar Loki, uma vez que existe uma variante mais perigosa à espreita: uma outra variante Loki, de outro espaço-tempo. Para Macedo (2006), é preciso negociar dentro das fronteiras, considerando a “emancipação” como um projeto contingencial construído em um contexto de lutas sociais e políticas, por meio de processos de diferenciação e de identificação, o que Laclau e Mouffe (2015) chamam de relações de equivalência.

Loki, desejando alcançar o poder dos Guardiões do Tempo para si, começa a investigação de sua própria variante com Mobius, descobrindo que apocalipses são locais perfeitos para que a variante maligna possa se esconder, afinal um evento mundano é fácil de desencadear um desvio na linha temporal, mas acontecimentos catastróficos (como terremotos, tsunamis, etc.) por serem gigantescos não mudam na história já conhecida. Podemos relacionar os apocalipses como as zonas de ambivalência dentro do conceito de currículo de Macedo (idem), uma vez que cenários de crise propiciam pensar nas variantes. A TD de Laclau e Mouffe identifica “significantes cuja contestação ou múltiplo investimento por parte de vários atores sociais permite construir articulações que alteram a ordem vigente - deslocada por crises ou deslegitimada por fracassos ou arbitrariedades - e apontam para alternativas emancipatórias” (2015, p. 17).

Nessa caça, somos surpreendidos/as ao perceber que a perigosa variante é uma versão de Loki enquanto mulher, que não quer ser chamada de Loki, mas de Sylvie. Ela foi capturada de sua linha temporal ainda criança pela TVA, porém fugiu e segue na clandestinidade,

pulando de apocalipse em apocalipse. Aqui vemos um importante paralelo com pessoas trans, especialmente quanto ao nome social, notabilizando que “um outro cultural que não é visto a partir das culturas legitimadas pelos currículos escolares, como seu avesso que está fazendo falta no currículo, mas que está lá na própria temporalidade introduzida pelo performativo” (MACEDO, 2006, p. 289). Nesse sentido, pessoas como Sylvie têm a possibilidade de existência no entre-lugar, recusando nuanças entre currículo formal e currículo vivido. Existências como a de Sylvie interpelam o currículo e forçam a produção de novos sentidos, revelando que este é o lugar do imprevisibilidade, do indecível.

Loki larga Mobius e resolve trabalhar com Sylvie na tentativa de chegar até os guardiões do tempo, esta última desejando dizimar a linha do tempo sagrada. Neste momento, Sylvie revela algo crucial que o anti-herói não sabia: os agentes da TVA não são pessoas nascidas para serem policiais temporais, mas são variantes que estão sendo forçadas a trabalhar para defender a linha do tempo sagrada. Nesta perspectiva de currículo, “se pensarmos a educação nessa temporalidade, podemos conceber que nem as narrativas tradicionais da escola, nem os projetos críticos de formação de um cidadão emancipado, nem a hegemonia eurocêntrica ampliada, nem a colonização da escola pela ciência são capazes de impedir o surgimento e a construção de temporalidades disjuntivas” (MACEDO, 2006, p. 289).

Para a autora, reconhecer um currículo da diferença abrange o vínculo entre o universal e o particular, em identidades culturais que se constroem subjetivamente a partir da dispersão de muitas outras. Mais a frente na história, conhecemos ainda mais versões do “deus da trapaça”: o Loki Clássico, o Kid Loki (Loki criança), Loki Orgulhoso e Loki Jacaré. Podemos associar essas variantes como híbridos culturais,

como práticas ambivalentes que incluem o mesmo e o outro num jogo em que nem a vitória nem a derrota jamais serão completas. Entendo-os como um espaço-tempo em que estão mesclados os discursos da ciência, da nação, do mercado, os “saberes comuns”, as religiosidades e tantos outros, todos também híbridos em suas próprias constituições (MACEDO, 2006, p. 289).

No último episódio, acontece uma grande virada, em que Loki e Sylvie descobrem que os três guardiões são uma farsa e o verdadeiro criador da TVA é Kang, o Conquistador. Ele afirma que sabe absolutamente tudo sobre passado, presente e futuro e que existe uma grande guerra no multiverso que está sendo controlada pela TVA. Isto é, ele mesmo lutou contra as suas próprias variantes, conseguindo controlar a linha do tempo. Para Macedo, “nesses lugares-tempo, o ato de tradução cultural impede que as culturas globais vejam a si mesmas como completas, definitivas, e impõe as culturas subalternas como elemento que

redesenha o global” (2006, p. 294). Sylvie ataca Kang e a linha do tempo sagrada desenvolve inúmeras ramificações. Todos os agentes da TVA tentam permanecer em controle, mas sem êxito.

(In)conclusões: a aposta no multiverso

Este trabalho nasceu da importância de trazer outras perspectivas culturais para o entendimento curricular, como a cultura nerd, sobretudo em reconhecê-lo como espaço-tempo de precariedade e espontaneidade, a partir de Elizabeth Macedo (2006). Somadas às proposições supracitadas, outros questionamentos surgem a partir das análises (in)conclusivas. Por exemplo, o que define Loki como bom ou mau? Seria seu pragmatismo ou a moral/ética relacionada ao que é enunciado? E qual seria o critério ético?

No universo cinematográfico, Loki não morre; ou ele morre, mas ressurgue posteriormente. Porquê? Loki pode ser entendido, nesse sentido, como metáfora do caos e da desordem, ou seja, da possibilidade, da ambivalência, da contingência, uma analogia presente em outras mitologias e culturas que também trabalham com seres de estripulias e peripécias, como Exu, orixá da comunicação, na cultura yorubá (RUFINO, 2019). Penso que a noção de multiversos, *pluriversos*, também estão presentes nas culturas ameríndias, como confluências ou a interconexão de muitos em uma pessoa (KRENAK, 2022; JECUPÉ, 2020). Krenak nos lembra que “para começar, o futuro não existe - nós apenas o imaginamos. [...] a verdade é que estamos vivendo cada vez mais a projeção de futuros muito improváveis, embora continuemos preferindo essa mentira ao presente” (2022, p. 96 a 97).

O(s) multiverso(s) abre(m) possibilidades das linhas temporais na série. O que isso significaria nessa metáfora do currículo como espaço-tempo de fronteira? Lembrando que, se a abertura de um multiverso não significa um horizonte emancipatório (comum nas teorias críticas e estruturalistas), então o que ele significaria? Que fronteiras seriam essas? Que dimensões subjetivas e que processos de identificação estão atrelados a essas fronteiras? Ou essas dimensões e processos fariam parte do que Macedo chama de fronteira?

Quem são as variantes em nosso espaço-tempo? Que diferenças estão expostas? Quais são as zonas de ambivalência em nosso espaço-tempo? Sobre essas questões, lembremos do que Chimamanda Ngozi Adichie (2018) nos recomenda evitar: o perigo de uma história única, de uma linha do tempo universal. Penso que essas indagações fazem parte não somente

das (in)conclusões deste trabalho, mas também de quem ousa estudar e pesquisar nas possibilidades e contingências fronteiriças propostas por Elizabeth Macedo, interpelando os sujeitos da educação e suas possibilidades, conflitos e fissuras, através dos discursos presentes dentro dos espaços educacionais, que mobilizam e sustentam as identificações e processos subjetivos das variantes curriculares.

REFERÊNCIAS

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

JECUPÉ, Kaká Werá. **A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio**. 2 ed. São Paulo: Peirópolis, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical**. Tradução de Joanildo A. Burity, Josias de Paula Jr. e Aécio Amaral. São Paulo: Intermeios; Brasília: CNPq, 2015.

LOKI. Criação de: Michael Waldron. Estados Unidos: **Disney**, 2021-. son., color. Série exibida pela Disney+. Acesso em: 16 março 2023.

MACEDO, Elizabeth. Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural. *Revista Brasileira de Educação*. v. 11. n. 32. maio/agosto 2006.

MACEDO, Elizabeth. Mas a escola não tem que ensinar?: *Conhecimento, reconhecimento e alteridade na teoria do currículo*. Currículo sem Fronteiras, [s.l.], v. 17, n. 3, p. 539-554, set./dez. 2017.

ULTIMATO: Vingadores. Produção: Kevin Feige. Estados Unidos: **Disney**, 2019. son., color. Filme exibido pela Disney+. Acesso em: 17 março 2023.